

- Na parte superior do suporte à esquerda do abrigo observa-se ainda o que restou do arenito antigo. Na parte inferior do suporte o arenito está se degradando em camadas mais finas, como à direita do paredão, deixando à mostra vestígios de um suporte pintado como os rodapés das casas do sertão.

4. O quarto suporte corresponde ao tempo presente. É uma fácies virgem composta de um arenito poroso e muito fino, de uma cor que vai do branco ao arroxeadado. Ele está presente na camada inferior do suporte mais antigo à mostra no centro do paredão. Quando esse arenito atingir todo o paredão não haverá mais vestígio algum das gravuras pintadas de Santa Fé.

17- O Sítio Olho D'água de Santa Bárbara

O contexto, a geomorfologia e os problemas de conservação do sítio

Seguindo de Santa Fé pela vertente norte do Araripe em direção a vertente oeste cerca de 40 quilômetros, localizamos no Município de Nova Olinda, o Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, com coordenadas geográficas S 07° 08'30.6'' e W 039° 38'28.6'' (figuras 50 e 51).

O sítio está situado entre duas fontes importantes: na primeira, origem do nome do sítio corre da Baixa do Zabelê na vertente norte para o Riacho Coroatá em direção ao Rio Cariús. A segunda a oeste é a fonte do Brejo Grande, origem da principal nascente da Sub-bacia do Rio Cariús e que limita a vertente norte da vertente oeste.

Trata-se de um pequeno abrigo sob rocha arenítica a 751 metros de altitude em relação ao nível do mar. Nessa região a cota de altitude da chapada é 100 metros mais baixa que na região do Sítio Santa Fé, onde chega aos 1.000 metros. Esse rebaixamento da vertente norte do Araripe é acompanhado pelo pronunciamento de escarpas erosivas que ganham morfologia variada, deixando mais visível o topo do planalto, litologicamente formado pelo mesmo Arenito Superior do Araripe - Formação Exu. Os moradores dos pés de serra costumam chamar a formação dessas escarpas pronunciadas de “Castelo Encantado”¹¹⁶.

Como sugere o próprio nome do lugar, no Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara nascem muitas fontes de água, algumas das quais conta a lenda regional que foram tapadas

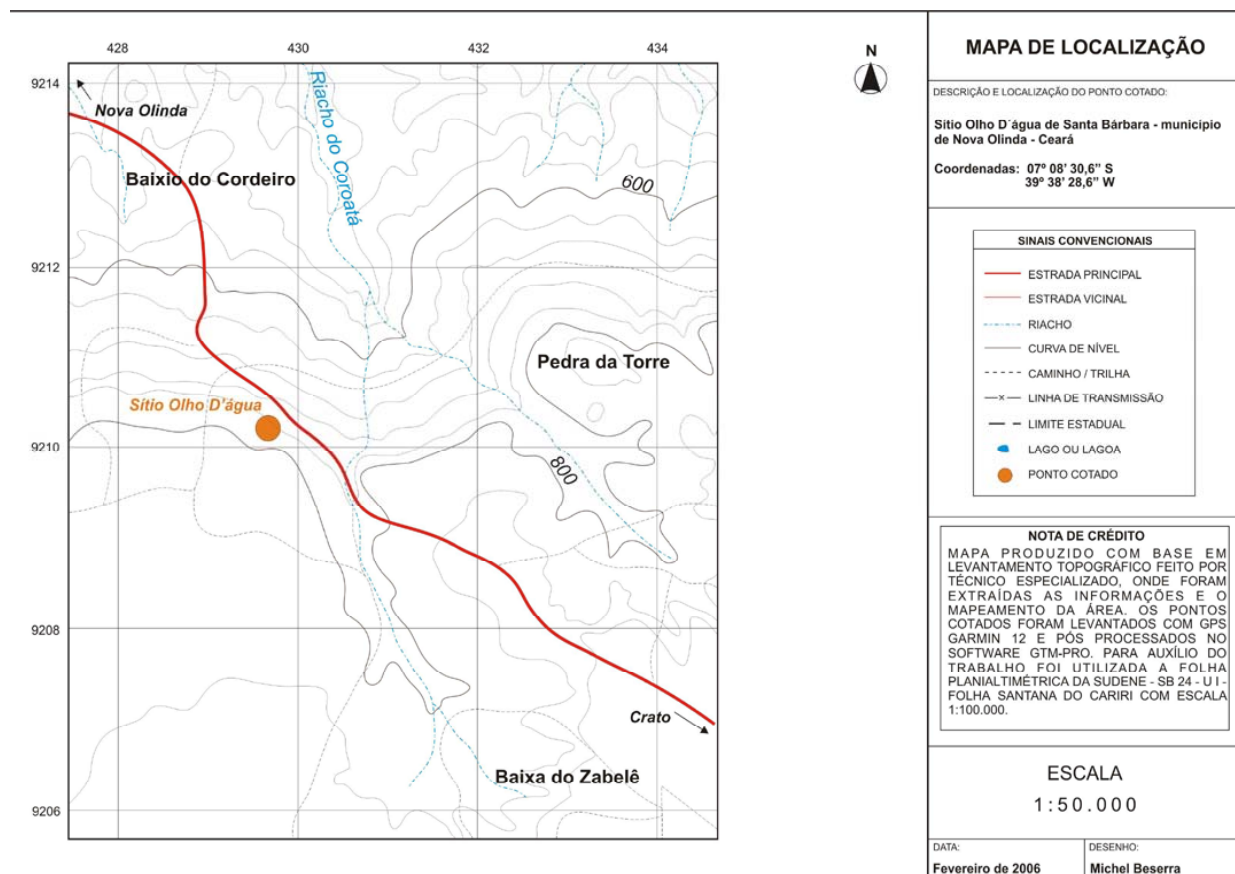
¹¹⁶ Diz a lenda Kariri que o castelo encantado é a morada da mãe d'água. (Fonte: Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri- Nova Olinda-CE).

pelos índios Kariú com a chegada dos brancos invasores às suas terras. No vale, vemos a depressão sertaneja com os serrotes que contornam o leito do Rio Cariús.

No pé de serra desse sítio existiram florestas com árvores de grande porte. Mas a colonização sul cearense, descendo o Rio Jaguaribe rumo ao Cariri com os seus comboios, transformou a extensa floresta em pasto para a pecuária, expulsando os índios de suas terras e transformando o lugar indígena em estrada das boiadas¹¹⁷. Hoje esse vale é uma zona de ecótono entre dois sistemas bióticos: floresta e caatinga, uma entrada para o semi-árido cearense.

¹¹⁷ “A estrada das boiadas ou dos Inhamuns e a estrada nova das boiadas merecem destaque, por servirem de comunicação entre Pernambuco e o Ceará, via Paraíba - Rio Grande do Norte. Cortando a estrada geral do Jaguaribe, iam ambas desenvolver-se em direção ao Piauí, com variantes para Sobral e outras localidades da Ibiapaba”. (org. Souza, 1989:36)

50. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO OLHO D'ÁGUA DE SANTA BÁRBARA



51.FOTO SATÉLITE- SÍTIO OLHO D'ÁGUA DE SANTA BÁRBARA



O sítio

O abrigo está dentro de um terreno de propriedade particular, pertencente ao Sr. Edmar Ferreira Gonçalves. O acesso é muito fácil porque a propriedade está à margem da CE 220 que liga o Ceará ao Piauí.

Um pequeno abrigo medindo 1,57m de altura, 5 metros de comprimento por 2,5 de largura com uma formação litológica classificada como Exu inferior. Essa formação é restrita à porção oeste da bacia, e constitui-se de uma associação de fácies heterolíticas, caracterizada por grande diversidade de litótipos, recorrentes e geneticamente relacionados (Assine,ob.cit). No interior do abrigo esse arenito é composto de ritmitos argilo-siltosos com disponibilidade de areia muito fina com uma coloração esbranquiçada. Na fácies superior ao teto a dominância é de um arenito seixoso com estratificação cruzada e uma coloração avermelhada.

Há muito tempo o sítio vem sofrendo os processos tafonômicos dos agentes intempéricos e da ação antrópica. As escarpas erosivas da chapada soterraram o abrigo que hoje só tem uma altura de 1,57m. Nota-se claramente esse soterramento no relevo formado pelo o sedimento em frente ao abrigo que o esconde e no posicionamento dos grafismos no suporte da rocha, numa altura da superfície atual (figuras 52 a 57). Vemos também inúmeros blocos erodidos que caíram dessas escarpas. Os constantes incêndios por causa da queimada ou “broca” para o cultivo da lavoura, já danificaram o paredão rochoso, fraturando-o, além de destruírem a cobertura vegetal, expondo o sítio a violentos processos eólicos e a excessiva insolação. À micro fauna presente no abrigo são os cupins e os roedores, especialmente os mocós.

52. VISTA DA FRENTE DO ABRIGO

53. VISTA DO VALE

54.VISTA CENTRAL DO ABRIGO

55. VISTA CENTRAL DO ABRIGO-CÓPIA



56. VISTA DO LADO ESQUERDO DO ABRIGO

57. VISTA DO LADO DIREITO DO ABRIGO

A técnica

No Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, encontramos pinturas e gravuras.

O suporte:

A petrografia do abrigo, muito heterogênea é formada na sua fácies superior de um arenito conglomerado com uma estratificação de vários seixos, atestando um ambiente fluvial pretérito. Esse arenito que recobre todo o teto do abrigo é semelhante ao arenito do painel 1 de Santa Fé, mais friável. No interior, o abrigo é formado por vários nichos de uma camada interior do mesmo arenito do teto. A ação do intemperismo está gradativamente recobrindo essa fácies com uma pátina de silicato que na proporção que se aproxima da superfície do abrigo vai se tornando mais esbranquiçada. Essa fácies se deslaca, deixando à mostra uma fácies virgem de um arenito branco, argiloso e friável que quando cai no chão do abrigo se decompõe se transformando numa areia muito fina. No maior dos nichos, ao centro do abrigo, encontramos vestígios picturais gravados e pintados. Essas placas quando caem se decompõe naturalmente, sendo quase impossível encontrarmos soterrados pedaços de placas de rocha com vestígios de pinturas ou gravuras.

Para a análise do suporte do Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara o procedimento foi a divisão em três painéis de análise fotográfica.

Painel 1 (figuras 58,59):

Esse painel à esquerda do abrigo tem uma fácies com topografia irregular e heterogênea formada por pequenos nichos em processo de desprendimento. Em apenas um deles existem vestígios pintados. Essas pinturas estão cobertas por uma pátina de sais da rocha o que as tornam quase invisíveis. Na fácies inferior do painel, observar-se os contornos escuros na rocha causados pelo incêndio das queimadas. A água da chuva escorre ao lado direito do painel e o recobre com uma pátina esbranquiçada. A erosão causada por

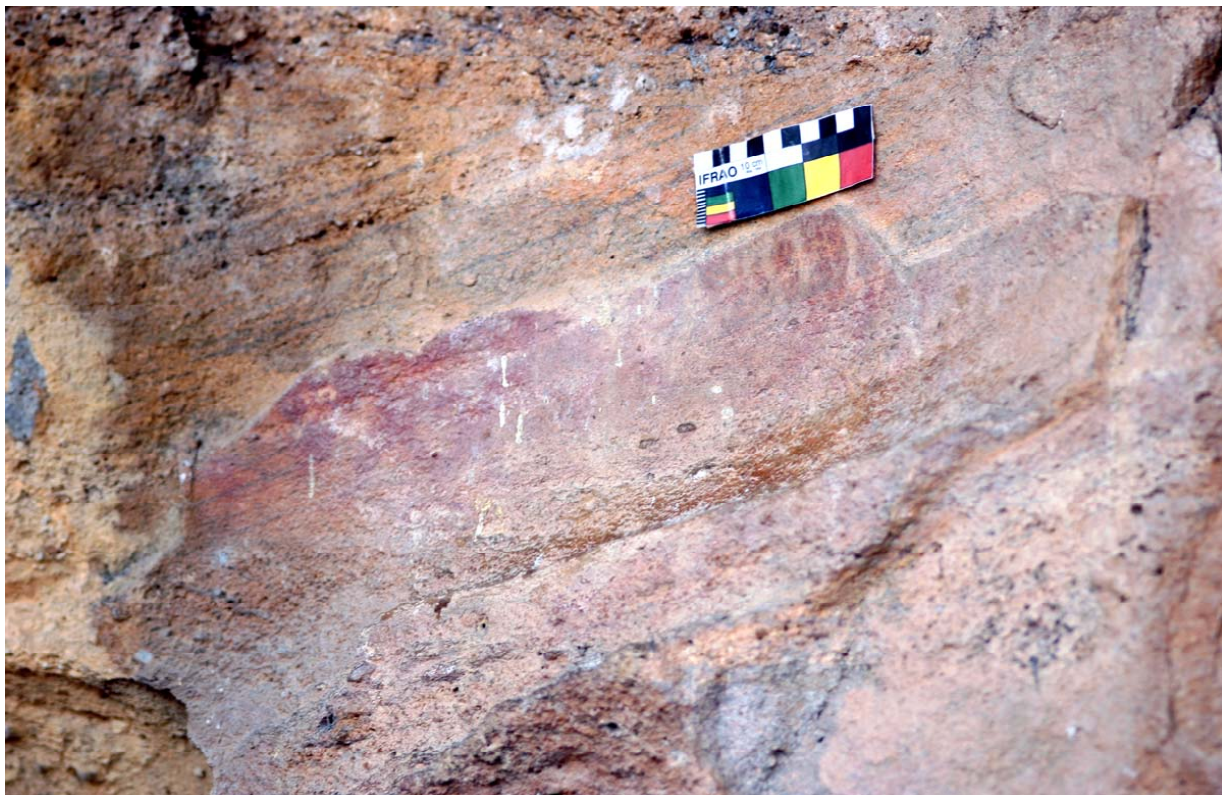
uma queda d'água da chuva no suporte nos dão indícios de que a cobertura do abrigo já foi maior do lado esquerdo (leste do sítio).

Painel 2 (figuras 60,61):

No painel central do abrigo compreendemos melhor a história da formação litológica do abrigo. Existe nesse suporte um processo acelerado de descamação deixando à mostra uma fácies heterogênea composta de três camadas. Observa-se a fácies externa da rocha mais conglomerada, com tonalidade variegada composta do vermelho e amarelo ocre. Uma pátina de silicatos recobre essa fácies dando a ela uma tonalidade que vai do rosa ao branco. Nessa primeira camada, a topografia é irregular com a presença de vários nichos. No maior dos nichos há uma concentração dos grafismos pintados. Os autores parecem ter escolhido o interior dos nichos onde a topografia é mais regular. A segunda fácies é intermediária resultado do desprendimento da primeira camada. Nela não encontramos grafismos. A terceira fácies, à direita do suporte, é uma camada virgem, porosa e esbranquiçada com a presença de feldspato.

Painel 3 (figura 62):

O painel 3 está separado do painel anterior por uma extensa litóclase resultante de uma brecha na rocha causada pelo deslocamento da camada exterior. Uma intensa pátina lodosa esverdeada recobre quase a totalidade do painel. Os vestígios picturais visíveis estão quase à altura da superfície atual. São vestígios gravados e pintados. A presença desses grafismos na fácies inferior do suporte, quase soterrados pelo sedimento sugere a possibilidade de, numa sondagem, encontrarmos vestígios picturais recobertos pelo solo atual.

58.PAINEL 1

59. PAINEL 1- CÓPIA

60. PAINEL 2

61. PAINEL 2-CÓPIA

62. PAINEL 3

Da execução, os instrumentos, as tintas e as posturas gestuais:

Para a análise técnica dos instrumentos e das tintas utilizadas, no Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, procedemos com a mesma divisão em três painéis e acrescentamos as fotografias macro dos grafismos. Também utilizamos o recurso do aumento de saturação e contraste das imagens no programa Adobe Photoshop 7.0, devido às pinturas se encontrarem atualmente quase invisíveis no suporte resultado dos processos intempéricos que já citamos.

O corpus gráfico do sítio é quase na sua totalidade de grafismos pintados. Essas pinturas são todas de uma tinta vermelho ocre pouco densa. Algumas pinturas estão com suas cores originais alteradas pelo recobrimento dos sais e têm uma aparência mais arroxeada. O suporte muito poroso e friável não permitiu uma melhor conservação dessa tinta. Na sua maioria, pode-se observar apenas o vestígio pictural tênue no suporte, o que dificultou a nossa análise.

No painel 1, existe apenas uma mancha gráfica pintada incompleta, não sendo possível nenhuma identificação.

No painel 2, onde estão a maioria dos vestígios gráficos (figuras 63 a 69), existe ao centro uma composição pictórica de antropomorfos com traços esquemáticos medindo cerca de 10cm. Eles se entrelaçam parecendo formar uma escada humana. Esse conjunto está superposto a um tridígito gravado. É uma gravura com os sulcos muito desgastados, os quais um morador do lugar interferiu no gravado aumentando o sulco com uma faca. Essa gravura que mede 12 cm foi gravada com um instrumento que provocou um corte raspado no arenito com cerca de 2 cm. Ao lado esquerdo, vemos um zoomorfo, provavelmente um lagarto. Em cima, à direita, estão mais dois antropomorfos que parecem ter uma relação com o conjunto gráfico. Na sequência, um terceiro grafismo deixa dúvidas tratar-se de um zoomorfo, pois se encontra alterado. Tanto o primeiro zoomorfo como essa outra figura,

tiveram um preenchimento de tinta mais acentuado. Tenha sido o dedo ou outro instrumento utilizado para pintar, existiu uma imprecisão no contorno da pintura dos grafismos.

À direita do painel está um conjunto gráfico mais nítido. É um grafismo de linhas onduladas paralelas formando uma figura de três anéis concêntricos, cortados por uma linha sinuosa ao meio. A gravura de um tridígito que está relacionado com a gravura anterior se encontra superposta pela linha inferior dessa pintura que a contorna e liga-se a gravura de um pé (15 cm). Superpostos ao pé gravado vemos pequenos pontos de tinta. Para a realização dessa gravura foi utilizada uma técnica de raspado e polimento semelhante ao conjunto gráfico do painel 1 de Santa Fé. Do lado direito desses grafismos vemos 6 pequenos pontos pintados.

À esquerda do painel existe um grafismo pintado (cerca de 15 cm) parecendo um antropomorfo com traços de contorno aberto, com os pés e os braços estirados para frente. A esquerda dessa mancha, grafismos pintados no interior de quatro pequenos nichos formam uma mancha gráfica de difícil visualização. O auxílio do programa Adobe Photoshop 7.0, nesses casos aumentou a visualização da mancha, mas não possibilitou uma maior nitidez nos contornos da figura, dificultando a análise.

No painel 3, os grafismos estão quase à altura da superfície atual. São apenas vestígios picturais “manchas pintadas” no suporte. Esses vestígios estão em superposição às figuras de dois pés gravados e polidos (figuras 68, 69).

Como atualmente o abrigo se encontra soterrado pela erosão da encosta da serra e pelo sedimento do próprio abrigo, não sabemos a altura do abrigo em relação ao corpo de um ser humano no tempo em que os autores realizaram os grafismos. Podemos apenas concluir que pelo o contexto geomorfológico, um abrigo de arenito friável, onde a tinta foi

extraída nas proximidades, pintar e gravar se constituiu uma atividade sem grandes esforços físicos.

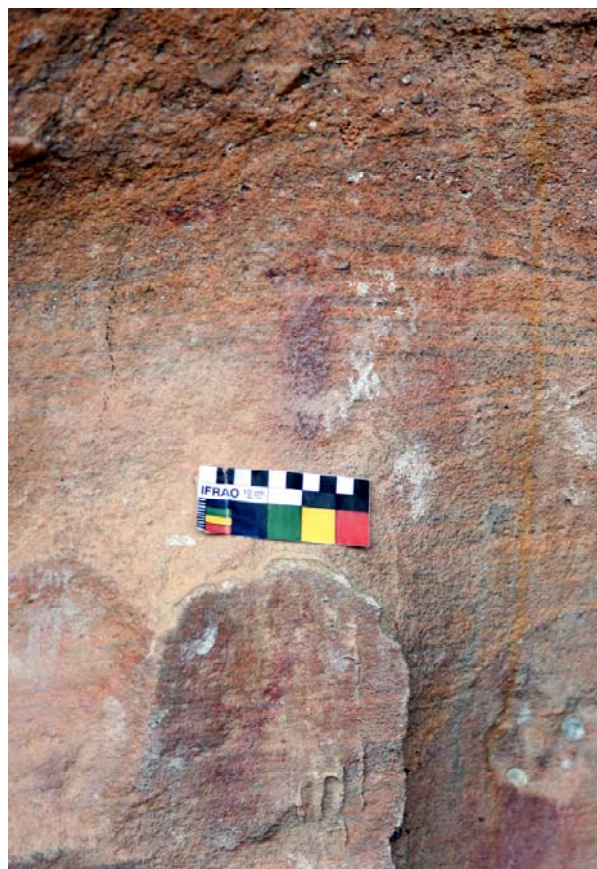
A temática

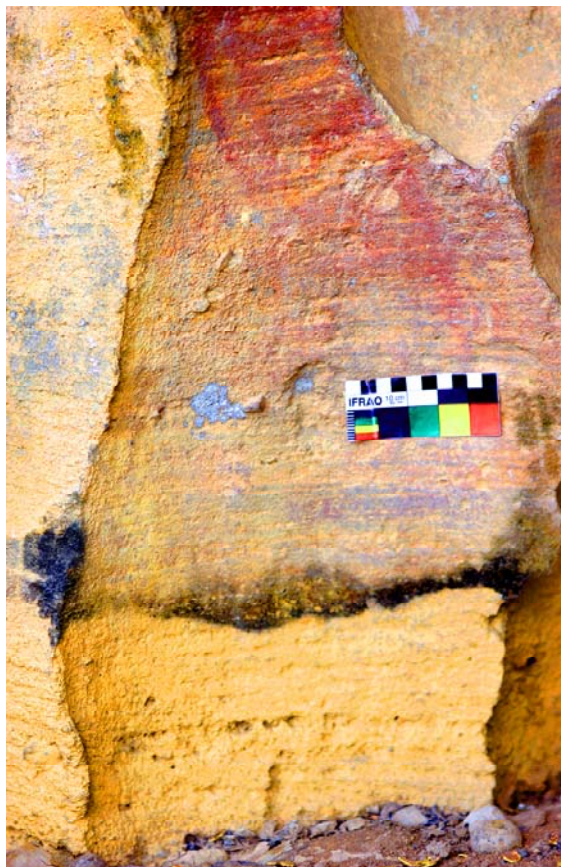
Um problema encontrado na análise do *corpus* gráfico foi a pouca visualização dos grafismos o que dificultou por consequência o estudo da temática. As pinturas se apresentam com uma seqüência de pequenas figuras antropomorfas, agregadas umas as outras e a figura de um zoomorfo. Outros grafismos não identificados poderiam tratar temas abstratos para o nosso universo simbólico. As gravuras de tridígitos e pés repetem o mesmo tema de algumas gravuras não pintadas de Santa Fé. Porém a degradação do suporte com seus problemas de conservação, e mais os fatores antrópicos das queimadas próximo ao local prejudicaram consideravelmente a nossa análise.

63. DETALHE DO PAINEL 2

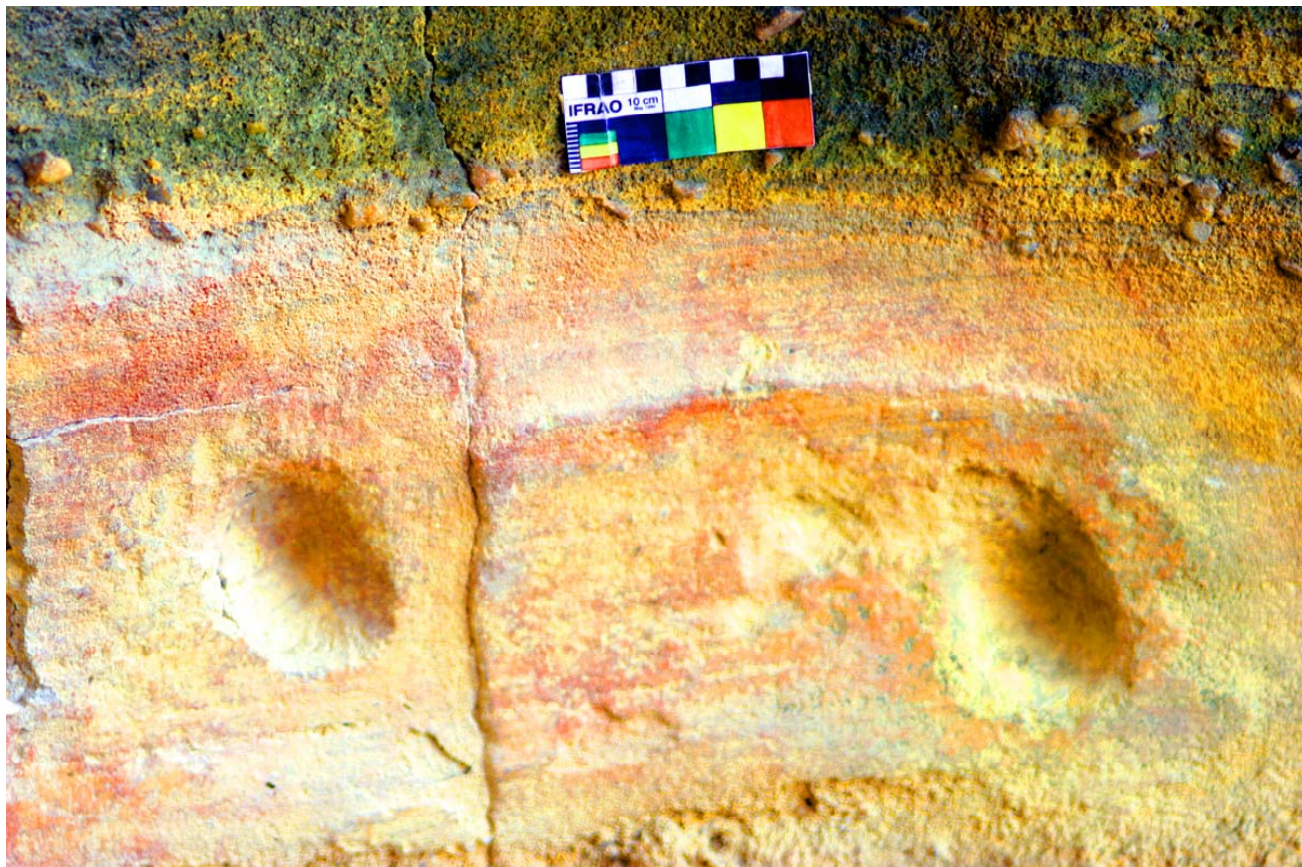
64. DETALHE DO PAINEL 2

65. DETALHE DO PAINEL 2

66. DETALHE DO PAINEL 2

67. DETALHE DO PAINEL 3

68. DETALHE DO PAINEL 3-

69. DETALHE DO PAINEL 2- CÓPIA

Perfil técnico e temático do Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara

- O *corpus* gráfico apresenta superposições de pinturas sobre gravuras. Essas gravuras superpostas pelas pinturas são semelhantes, às gravuras do Sítio Santa Fé. É interessante notar que houve uma preferência dos pintores, de cobrir uma pequena parte das gravuras, sem alterar a sua visão.

- Todos os grafismos foram realizados no mesmo suporte friável e muito poroso, observando a topografia dos nichos.

- As superposições denunciam dois tempos gráficos:

1. O primeiro tempo gráfico é o das gravuras que estão superposta pelas pinturas. O primeiro conjunto de gravuras está formado por 1 pé e dois tridígitos: O primeiro tridígito está superposto pelo conjunto de figuras antropomorfas sem interferir na sua visualização. O segundo tridígito, ligado à gravura do pé, está cuidadosamente associado ao contorno da pintura sem interferência da sua visualização. Essas gravuras repetem o tema dos pés e tridígitos presentes também no Sítio Santa Fé.

O segundo conjunto de gravuras está formado por dois pés superpostos pelas as pinturas. Nesse caso, a pouca visualização das pinturas não nos permitem uma melhor análise.

2. O segundo tempo foi o da realização das pinturas. As pinturas utilizaram um único tipo de tinta ocre, com baixa densidade.

- As pinturas foram realizadas com traços espessos de 1 a 2 cm. Algumas pinturas têm os contornos cheios, como a figura zoomorfa. Outros grafismos apresentam traços de ângulos curvilíneos e contornos abertos.
- Os antropomorfos têm apenas os traços essenciais, esquemáticos, com os braços e pernas abertos.

Os grupos humanos que conviveram no abrigo do sítio Olho D'Água, provavelmente encontraram o ambiente de uma floresta densa e úmida cercada pelas nascentes que formam dois rios importantes para a região, o Rio Carás e o Rio Cariús. A proximidade do abrigo, com o vale à oeste, onde o leito do Rio Cariús segue o seu curso, proporcionou uma variedade de recursos para a sobrevivência. Para Ab'Saber (ob.cit), o olho d'água, a fonte, um brejo, um páleo-brejo no período Pleistocênico era um refúgio ideal para o homem, numa gruta próxima em que houvesse uma paisagem útil para sua defesa e imprescindível à sua sobrevivência. O Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara pode ter reunido todas essas condições páleo-ecológicas.

Quando esses grupos conviveram no ambiente, as escarpas erosivas da chapada deviam ser menos pronunciadas e os processos erosivos menos intensos. Ao lado esquerdo do abrigo existem mais dois outros abrigos soterrados pelo o sedimento. O sítio tem um bom potencial para uma escavação arqueológica passível de revelar vestígios da cultura material dos autores dos grafismos.

Postulamos pela existência de sedimento no abrigo e as características páleo-ecológicas, que o sítio Olho D'Água de Santa Bárbara foi um lugar de habitação¹¹⁸ de grupos humanos em tempos pretéritos.

¹¹⁸ Os sítios de habitação podem ser uma ocupação temporária (provavelmente estacional) mas de ocupações repetidas, permanente ou de curta duração. (Martinez:1990).

18- O Sítio Tatajuba

O contexto, a geomorfologia e os problemas de conservação do sítio:

O Sítio Tatajuba¹¹⁹ está localizado na vertente oeste do Araripe, a 65 quilômetros do Sítio Santa Fé, no Município de Santana do Cariri, com coordenadas geográficas S 07° 06'56.0'' e W 039° 49'18.0'' (figuras 70 e 71) . É um abrigo calcário¹²⁰ da Formação Santana¹²¹, a 515 metros de altitude em relação ao nível do mar. O acesso é feito através da BR 220 que liga o Ceará ao Piauí, a 17 quilômetros do Município de Nova Olinda, à direita numa estrada vicinal. É uma grande fazenda de propriedade do Sr. Joaquim Ferreira.

Nessa região o relevo do Araripe e dos morros à noroeste formam um estreito corredor por onde deságuam as nascentes da chapada que correm para o Riacho Seco e abastecem o Açude Tatajuba. Em épocas de “cheia ou bom inverno”¹²², é costume popular os moradores da região se amedrontarem com a possibilidade da parede do Açude Tatajuba “estourar” e inundar todo o vale do Rio Cariús. O mito popular da mãe d’água presente no vale à leste da chapada faz-se presente a oeste, com a lenda da grande serpente encantada que mora no açude.

O Cariús tem o seu curso alimentado por um vale estrutural como uma fronteira geográfica separando a vertente oeste do Araripe da entrada para o semi-árido cearense. A

¹¹⁹ A palavra Tatajuba é originária do Tupi e significa “Espinheiro das amoras brancas” (planta das moráceas). (Cunha, 1982:284).

¹²⁰ Rocha formada essencialmente de carbonato de cálcio. O calcário é um termo latino *calcarius*, e significa o que contém cal.

¹²¹ A Formação Santana depois da Formação Exu é a segunda em ordem decrescente da série sedimentar do Araripe.

¹²² Como é chamado no Cariri o período das chuvas no seu período mais intenso (Dezembro a Março).

vegetação da região que um dia fez parte da floresta do Araripe, hoje representa uma transição para a caatinga já muito acentuada pelos fatores antrópicos da desertificação¹²³. Trata-se de uma zona de ecótono entre a chapada e outra feição que se configura. O contato entre elas é marcado por brusca mudança litológica e, pelo menos localmente, descontinuidades de natureza erosiva. A diminuição progressiva da declividade e a presença de depósitos de talus¹²⁴ nas escarpas da Chapada do Araripe dificultam em campo a visão entre a Formação Exu inferior¹²⁵ e a formação subsequente denominada Formação Santana, correspondente ao Aptiano-albiana¹²⁶.

A Formação Santana é litologicamente composta por uma seção de folhelhos papiráceos¹²⁷ calcíferos, interestratificados com calcários micríticos laminados, formando extensos bancos com espessuras de até mais de duzentos metros. Folhelhos pirobetuminosos com teores de até 25% de carbono orgânico total, e frequentemente calcíferos devido a abundância de carapaças de ostracodes, continuam presentes. O registro fóssilífero é abundante, sendo também encontrados conchostráceos, fragmentos vegetais lenhosos carbonizados, além de peixes (Assine, ob.cit.).

¹²³ “Como parte da biosfera da caatinga, o Araripe está evoluindo em decorrência do desenvolvimento de duas dinâmicas: a dinâmica da natureza, das manifestações nesta região das transformações do planeta (variações climáticas, erosão etc...) e a dinâmica da sociedade, as iniciativas dessa biorregião e dos poderes públicos e privados atuando localmente (efeito do desflorestamento, da poluição etc...)”. Gervaiseau; Arraes (2004) in: Ciências da terra e ciências da vida, São Paulo, MAB, FAAP.

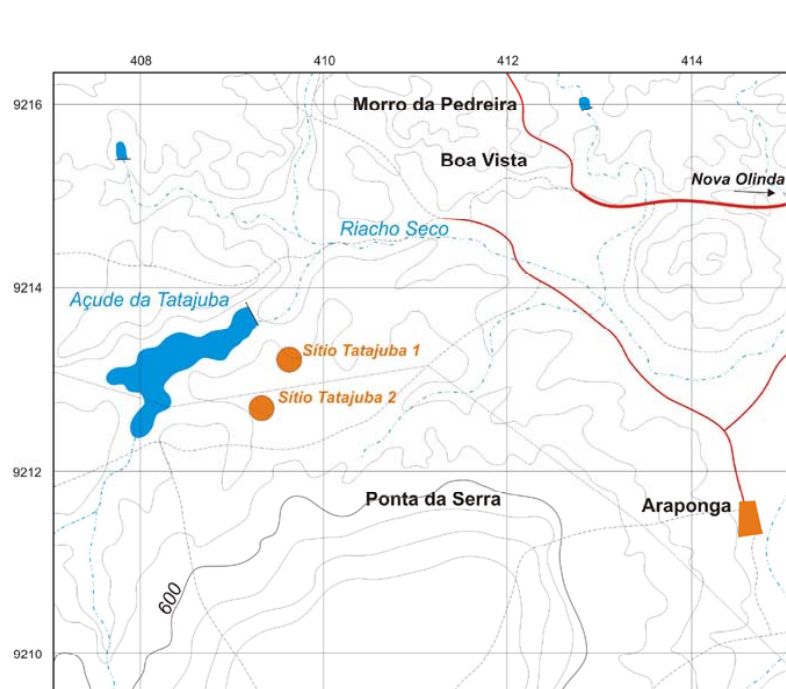
¹²⁴ Acumulação de detritos rochosos angulosos no sopé de uma vertente íngreme, transportados declive abaixo essencialmente por ação gravitacional.

¹²⁵ Mabessone & Tinoco (1973) apud Assine (1992), constataram que a Formação Exu, na porção oeste da Bacia, é formada por dois membros com características litológicas diferentes que foram denominados informalmente de membros inferior e superior.

¹²⁶ “Unidade crono-estratigráfica de rochas formadas durante a segunda idade mais antiga da divisão pentapartite da Época Gálica do Período Cretáceo, situada acima da idade Barremiana e abaixo da idade Abiana”. (Suguio: ob.cit).

¹²⁷ “Sedimento de granulação fina (pelito) com fissilidade bem desenvolvida que é praticamente paralela ao acamamento. Quando esta propriedade é muito acentuada, como acontece nos folhelhos pirobetuminosos, constitui o chamado folhelho papiráceo”. (Suguio: ob.cit).

70. MAPA DE LOCALIZAÇÃO- SÍTIO TATAJUBA



MAPA DE LOCALIZAÇÃO

DESCRIÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO PONTO COTADO:
Sítio Tatajuba 1 e Sítio Tatajuba 2 - município
de Santana do Cariri - Ceará

Coordenadas (1): 07° 06' 57,4" S
39° 49' 05,9" W

Coordenadas (2): 07° 07' 05,8" S
39° 49' 18,3" W

SINAIS CONVENCIONAIS

- ESTRADA PRINCIPAL
- ESTRADA VICINAL
- RIACHO
- CURVA DE NÍVEL
- CAMINHO / TRILHA
- x— LINHA DE TRANSMISSÃO
- LIMITE ESTADUAL
- LAGO OU LAGOA
- PONTO COTADO

NOTA DE CRÉDITO

MAPA PRODUZIDO COM BASE EM LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO FEITO POR TÉCNICO ESPECIALIZADO, ONDE FORAM EXTRAÍDAS AS INFORMAÇÕES E O MAPEAMENTO DA ÁREA. OS PONTOS COTADOS FORAM LEVANTADOS COM GPS GARMIN 12 E PÓS PROCESSADOS NO SOFTWARE GTM-PRO. PARA AUXÍLIO DO TRABALHO FOI UTILIZADA A FOLHA PLANIAL TIMÉTRICA DA SUDENE - SB 24 - U-1 - FOLHA SANTANA DO CARIRI COM ESCALA 1:100.000.

ESCALA

1:50.000

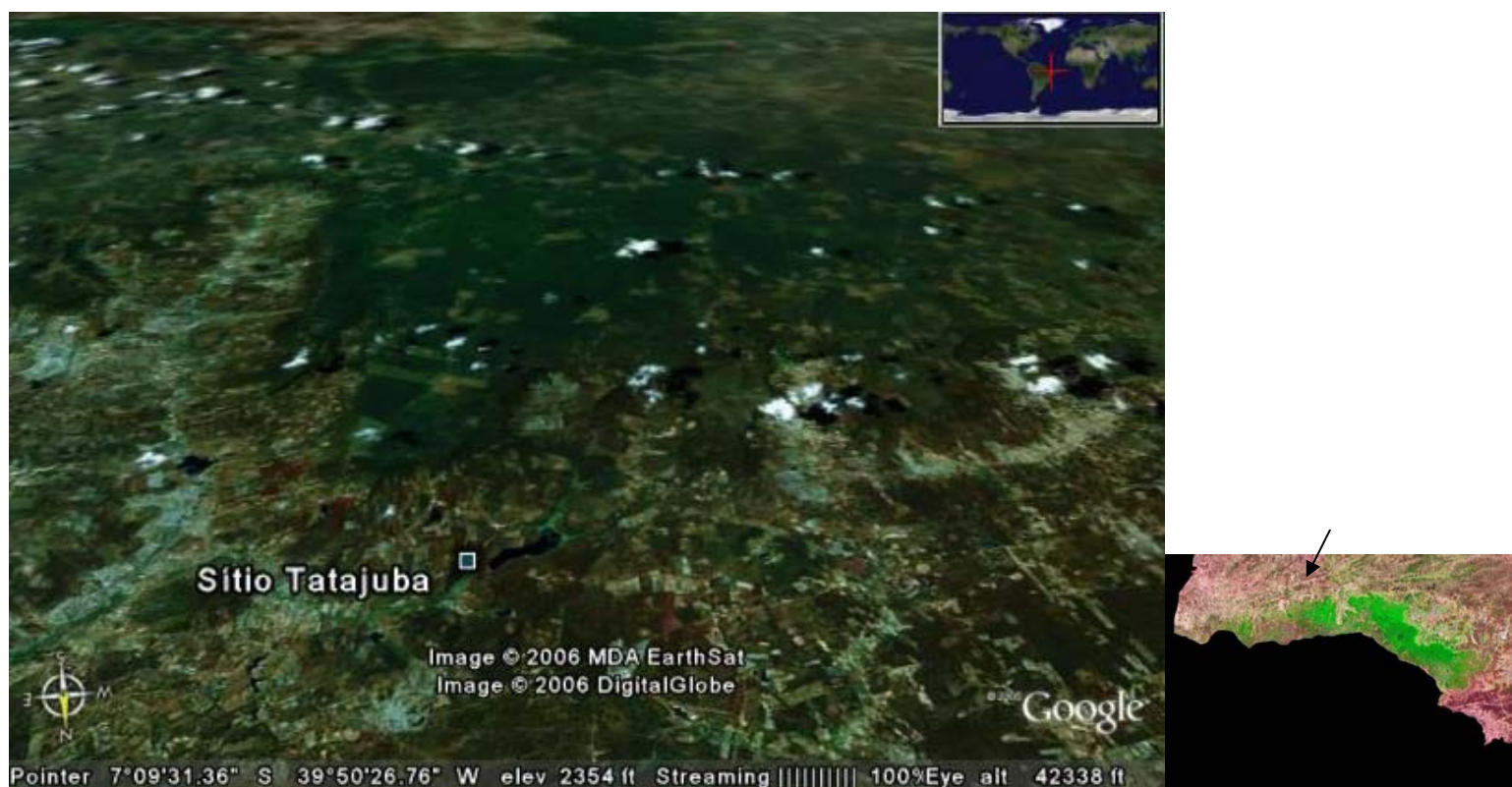
DATA:

Fevereiro de 2006

DESENHO:

Michel Beserra

71. FOTO SATÉLITE-SÍTIO TATAJUBA



O Sítio

Um afloramento calcário laminado contornando o sopé da chapada, numa altitude média de 500 metros em relação ao nível do mar, está localizado a sudeste do Açude Tatajuba. Nele existem dois abrigos de formação calcária onde encontramos vestígios picturais. Pela proximidade (cerca de 100 metros), denominamos respectivamente os abrigos de Tatajuba e Tatajuba 2.

Este afloramento calcário está em crescente estado de erosão o que podemos perceber claramente subindo a chapada a pé em direção ao sítio. Em todos os lugares existe uma abundância de pedras calcárias pelo chão. Na região do Cariri, os moradores denominam essas pedras de “laje Cariri” (lajeiro) ou “pedra de peixe” para aquelas com vestígios fósseis.

O primeiro sítio é um abrigo onde a fácies de calcário laminado é muito exposta (figuras 72 a 75). Quase não observamos nele os vestígios do teto que um dia existiu. Encontramos na superfície atual lajes de calcário, algumas com vestígios picturais, que se desprenderam da parte superior do abrigo. No que restou do teto existe a presença de estalactites¹²⁸. Hoje, se trata de um grande paredão irregular com aproximadamente 18 metros de comprimento. Sua altura é superior a 5 metros.

A vegetação em volta é a caatinga. Há presença de animais, aves, mocós, além de insetos, morcegos, e principalmente abelhas. Vemos também muitas peles de cobras penduradas entre as lâminas do calcário. Na análise das fotografias no laboratório, com o aumento da definição da imagem, percebemos a presença de três delas, nas fendas do paredão.

¹²⁸ “Depósito cilíndrico ou cônico, em geral de composição de calcita ou aragonita, pendendo mais ou menos verticalmente do teto de uma caverna calcária”. (Suguio:294)